
“TRABALHO”, “MUDANÇA DE VIDA” E “PROSPERIDADE” ENTRE FIÉIS DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Diana Nogueira de Oliveira Lima

Introdução

Durante os seus primeiros anos de existência, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) não despertava o interesse dos estudos sobre religião nem atraía a atenção da mídia. No final da década de 1980, porém, os megaeventos de cura, organizados por ela no espaço público, bem como seus projetos políticos receberam destaque nos jornais e, desde então, a Universal mantém uma relação tensa com diferentes interlocutores. Gomes (2004:18-20) revela que a ampla polêmica que se instala a partir deste momento em torno da Igreja se deve a três fatores que, apartados da totalidade dos elementos que a constitui, costumam ser a ela associados pelas análises preocupadas em singularizá-la dentro do horizonte pentecostal: a participação política, o demônio e o dinheiro. Na década de 1990, a IURD mobiliza uma crítica negativa robusta à maneira como articula “a cura, o exorcismo, a prosperidade”. De um modo geral, as acusações recaem sobre a forma como, segundo essas falas, ela se serve de uma linguagem proveniente do mercado e da força persuasiva da mídia eletrônica para, lançando mão de uma mensagem teológica vazia, recrutar uma massa de fiéis que, como apontou Freston (1993:111), são, por vezes, pensados como ingênuos e ignorantes.

Entre os analistas – religiosos bem como científicos –, que, a partir da

década de 1990, centraram seu enfoque na oferta religiosa com o objetivo de desvendar o significado e as razões da expansão do pentecostalismo no Brasil – e, em particular, do que se convencionou chamar de pentecostalismo da terceira onda ou neopentecostalismo –, olhando para história da implantação das igrejas no país, elementos constitutivos da religiosidade pentecostal, modos de expansão e tipos de atuação política das igrejas, são numerosos os que se mostram reticentes em relação à Igreja Universal do Reino de Deus (Bittencourt 1994; Campos 1997; Carneiro Campos 1994; Hortal 1991, 1994; Mariano 1996; Siepierski 1997a). Mariz (1995:37-52) mapeia os argumentos que, na literatura mais recente, se somam ao da “mercantilização da fé” para, repetidamente, motivarem perspectivas depreciativas do neopentecostalismo. Características tais como: imediatismo, pragmatismo, magia, charlatanismo e superficialidade teológica são atribuídas, em especial, à Igreja Universal do Reino de Deus. E, sobretudo, a acusação de ser uma agência de exploração financeira dos pobres. Em sua abrangente revisão dos estudos voltados para a categorização e o exame do universo protestante/pentecostal, cujo crescimento se manifesta tanto em número de adeptos quanto em termos de diversificação institucional, Giumbelli (2001:87-120) deixa claro igualmente o repúdio que a IURD suscita nos autores, entre outras razões, em função do que consideram como o emprego de lógica mercantil por parte desse “pentecostalismo de cura divina” que “fetichiza” o dinheiro (Oro 1993)¹.

Mas embora na década de 1990 a Igreja tenha motivado um grande esforço analítico por parte dos trabalhos que enriqueceram a discussão sobre as mudanças ocorridas na paisagem religiosa brasileira, pouca ênfase tem sido devotada à compreensão dos fiéis da IURD, defensora da Teologia da Prosperidade. A despeito do expressivo aumento desse público², a maior parcela das interpretações a seu respeito não vai muito além de sua caracterização sociológica e demográfica: ele é formado por pessoas oriundas dos estratos mais pobres da sociedade brasileira, que se concentram nas zonas urbanas e, muitas vezes, não têm acesso ao mercado formal de trabalho ou aos serviços de saúde e educação. Essas pessoas buscariam na Igreja a resposta imediata para suas aflições cotidianas e seus anseios de ascensão social (Oro 1993). Segundo a leitura de Oro, isso se deve ao fato de que, na IURD, “[a] fantasia dos fiéis de se tornarem ‘milagrosamente’ ricos é exacerbada” (2003:32). “[A] teologia da prosperidade, antes mesmo de ser uma ideologia de ascensão social tendencialmente fantasiosa...é um discurso de recusa da vitimização” (Oro 2003:35).

É certo que, no mundo da adesão pentecostal, as pessoas costumam afirmar terem buscado a religião para o alívio de suas aflições. É certo também que, nos últimos tempos, a sociedade brasileira tem sido exposta a uma série de ameaças e carências de toda ordem e que a aposta nos instrumentos racionais de intervenção política para a transformação do país perdeu a força. Mas por que

uma grande parte dos pobres deste país tem procurado soluções para os males que os atingem especificamente na Teologia da Prosperidade? Como esses sujeitos sociais representam sua experiência de fé?

Com o intuito de dar continuidade à reflexão iniciada em meu doutorado em Antropologia Social sobre o sentido do êxito material na sociedade brasileira contemporânea, tenho em conta que, enquanto ela lança mão dos meios de comunicação para alcançar níveis cada vez maiores de visibilidade, aumenta também o volume e o teor das objeções levantadas contra a Igreja Universal do Reino de Deus, defensora da Teologia da Prosperidade, e procuro explicar por que, a despeito de todas as denúncias contra a Igreja, ela multiplica o seu número de fiéis. Indo além, procuro explicar por que essa multiplicação acontece justo na década de 1990.

Em minha tese de doutoramento, procurei compreender o modo como alguns segmentos da “elite” do Rio de Janeiro vêm se servindo dos elementos do universo mercantil para criarem – em torno da noção de “sucesso” – um novo critério classificatório na sociedade brasileira. O objetivo principal, naquele momento, era desvendar como, a um só tempo, esses segmentos consomem – material e simbolicamente – os objetos fabricados pelo capitalismo e se inserem ativamente no mundo da produção capitalista. Neste trabalho, baseei-me numa análise de material de imprensa sobre a rede de relações conhecida como a “Nova Sociedade Emergente”, notadamente as colunas sociais do jornal *O Globo*, nas quais, pela primeira vez, em 1994, a jornalista Hildegard Angel usou esta fórmula para apresentá-los à “sociedade” e elogiar o desempenho econômico de uma seleção de indivíduos recém-chegados à Barra de Tijuca e recém-enriquecidos através do trabalho empreendedor em negócios, originalmente pequenos, como padarias, marmorarias, açougues, nos subúrbios cariocas. Apoiei-me ainda na observação direta do estilo de vida dos integrantes desta rede para demonstrar o surgimento, na sociedade brasileira contemporânea, de um *ethos* que valoriza, concomitantemente, o trabalho empreendedor e o consumo conspícuo. Tal *ethos* passou a ser característico de alguns meios sociais recentemente, quando, durante o governo Collor, o Brasil adotou, em sua política econômica, os princípios do “mercado livre”.

Neste artigo, reúno-me à produção acadêmica animada pela necessidade de problematização da visão – inventariada por Mariz (1995) – de que o mundo neopentecostal é carente de seriedade doutrinária e é integrado, de um lado, por um corpo clerical de “charlatões”, “enganadores dos pobres” e “mercadores da fé” e, de outro, por uma coletividade de membros “analfabetos”, “fanáticos”, “alienados” e “sugestionáveis” (Mariano 1996). A partir de informações sobre a cosmologia da Igreja Universal do Reino de Deus e de material etnográfico acerca do compromisso confessional e de suas percepções sobre “mudança de vida”, levantados no convívio com adeptos da IURD, oriundos das camadas

populares desta sociedade, pretendo elucidar a lógica de uma pertença religiosa que, ao contrário da dita fluidez e transitoriedade da vinculação supostamente utilitarista e imediatista a essa igreja, em muitos casos por mim observados, já ultrapassa dez anos.

Nesse contexto, embora a simbólica do mercado esteja aqui em causa, não se trata da mesma perspectiva adotada, por exemplo, na discussão de Campos (1997). Este autor, interessado na questão da “mercantilização do sagrado”, aborda a IURD como uma “empresa” sintomática do processo que entende por integração do neopentecostalismo à lógica do mercado vigente no Brasil “neoliberal” e analisa os instrumentos retóricos que, a seu ver, compõem o conjunto de estratégias mercadológicas empregadas, aparentemente, de modo intencional pela administração da Igreja para conquistar sua “clientela”. Ao me voltar para a teologia da Universal, para o lugar que os valores do mercado ocupam em sua cosmovisão, o modo como essas disposições são passadas para os fiéis durante os cultos e para como esses fiéis vivenciam, fora do contexto concreto da observância religiosa, as crenças induzidas nos rituais da IURD, meu intuito é, partindo da premissa weberiana de que há relação entre ética religiosa e *ethos* econômico, alargar a compreensão sobre os significados – importados do ideário mercantil – que têm permeado as práticas sociais brasileiras.

A “Reunião dos Empresários”

No segundo semestre de 2005, antes de ter feito contato com membros da Igreja, freqüentei durante certo tempo os cultos na Sede Mundial com o objetivo de – anônima na multidão – ganhar familiaridade com esse universo. Naquele período, em função de meus interesses de pesquisa, mantive o foco na “Reunião dos Empresários”³, que ocorre semanalmente às segundas-feiras, não apenas na Catedral, mas em todos os templos da IURD. Não foi preciso nenhum esforço para notar, nessas reuniões, a tão alardeada referência aberta ao dinheiro, ao direito à prosperidade e à abundância, muito de acordo com a proposta descrita no site da IURD:

As reuniões realizadas às segundas-feiras na Igreja Universal do Reino de Deus são para pessoas que sejam empresárias, que estejam passando por problemas financeiros e não aceitam mais viver nesta situação, bem como para quem busca crescimento financeiro. Durante as reuniões, as pessoas desenvolvem potenciais, descobrem seus talentos, traçam objetivos e planejam cada detalhe para a realização de suas metas.
'Eu vim aqui para que tenham vida e a tenham em abundância.'
(João 10:10)

De fato, ao longo das duas horas de duração desses cultos, a prédica do bispo (ou do pastor) é explicitamente dedicada ao tema do dinheiro. Nessas ocasiões, não se fala apenas do dinheiro a ser doado à Igreja pelos fiéis, mas também do dinheiro que se pode conquistar através da fé, como aconteceu com aqueles fiéis que sobem ao altar e dão seu “testemunho”. Para tratar desse assunto, são empregados termos e conteúdos extraídos do campo semântico da economia, tais como “empresa”, “negócio”, “lucro”, “contrato”, “aumento da produção”, “máquinas”, “diferencial do produto no mercado”, “desemprego”, além da menção a grandes quantias⁴ que “você vai ganhar”, “que você vai poder dar de dízimo quando Deus te abençoar”. Nessas reuniões, além do dízimo, obrigatório, muitas vezes os crentes são enfaticamente estimulados a se aproximar do altar e contribuir para a “Obra de Deus” também através da doação de “ofertas”. Pois – como é explicado –, ao ajudarem a Igreja Universal do Reino de Deus na divulgação da “mensagem viva e poderosa do Evangelho do Senhor Jesus Cristo”, os fiéis firmam um “compromisso com Deus” e têm, portanto, o direito de se sentirem “sócios de Deus”.

Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores que desgraçam a vida do ser humano e atuam nas doenças, acidentes, vícios, degradação social e em todos os setores da atividade humana que fazem sofrer. (Macedo 2005:64)

A fórmula pastoral de Edir Macedo, fundador da igreja em 1977, é repetidamente sublinhada e fundamenta a recomendação de que os presentes, tendo provado sua fidelidade a Deus, exijam “d’Ele” uma prova de sua grandeza e “determinem” seu desejo de prosperar não como quem pede ou suplica, mas como quem reivindica um direito.

As bases de nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; o que é d’Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer. Passamos a ser participantes de tudo o que é de Deus. (Macedo 2005:68)

No período em que observei as reuniões na Catedral, a interpretação de Gomes (2004:65-74) me ajudou a entender o lugar do dinheiro no sistema cósmico da IURD⁵. “Além de ser um mediador ritual, ele também entra no discurso da prosperidade, segundo o qual quem realmente exerce a ‘fé em ação’ consegue combater o Demônio – responsável por todos os males, e, entre eles, a pobreza – e ‘viver em abundância’”. A autora propõe que Espírito Santo,

Demônio e Dinheiro sejam percebidos como uma “espécie de trindade”, no interior da qual os três elementos interagem em sistema (idem:66-67). O livro *Como ser um Dizimista Fiel*, editado pela Universal Produções, expõe o significado do dízimo para a igreja.

Quando entregamos a Deus a décima parte do que recebemos mensalmente ou dos lucros de um negócio ou empresa, estamos, ao contrário do que se pensa, sendo agraciados com as bênçãos de Deus, recebendo prosperidade financeira, crescendo, acumulando bens e enriquecendo. (Furucho 2001:9)

Essa verdade, nas palavras do autor, pode ser evidenciada em Malaquias 3:10:

Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós benção sem medida.

A passagem acima é citada pelo autor evangélico Natal Furucho como ilustração da “veemência com que Deus manda o povo israelita trazer dízimos para sua Casa e depois, *prová-lo*” (grifo meu). E por meio do dízimo, não é somente o “dizimista fiel” que viverá em plenitude. Certamente, ao tornar-se um aliado de Deus na luta contra o diabo e, “habitado pelo Espírito Santo”, colocar em ato sua confiança irrestrita em Deus, ele se tornará um privilegiado e receberá do Senhor “a vida plena e feliz”⁶ a que tem direito. Do mesmo modo, portanto, que Abraão, que “por si só, resolveu tributar a Deus parte do que lhe vinha às mãos” e foi abençoado, “ele e sua família, engrandecendo sobremaneira sua posteridade e dando-lhe uma vida longa e farta” (Furucho 2001:14). Mas o dinheiro arrecadado – dízimos e ofertas – é importante porque permite que a Igreja, servindo-se da sua qualidade material, consiga se manter e se expandir para cumprir seu papel espiritual de levar a boa nova do evangelho a milhares de almas e libertá-las dos motivos de seus pesares.

Eliminado o “mal” e suas ameaças, sua membresia e, potencialmente, toda a humanidade terá acesso a uma vida terrena de “plenitude”. Deus não deseja a pobreza para seus seguidores. Uma “vida abençoada”, em harmonia com Deus, é uma “vida em abundância”. Desse modo, “felicidade”, “saúde” e “prosperidade” no mundo são valores que a Igreja Universal do Reino de Deus sacraliza, com o respaldo da Bíblia, para prometer e estimular.

Etnografia do pertencimento

Conheci Wilson⁷ em outubro de 2005 e, desde então, freqüente na sua companhia a congregação do Largo do Machado, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Sua disposição em colaborar com minha pesquisa tem viabilizado a proximidade com outros membros da IURD e me permitido ouvir suas explicações sobre como o “andar na fé” “mudou” suas vidas. É por meio do convívio, dentro e fora da Igreja, com uma rede de informantes integrada por indivíduos entusiasmados com os efeitos da “entrada na fé” em suas vidas, como nos dois casos que evoco para a condução desta análise, que obtenho os elementos a partir dos quais elaboro minhas questões⁸.

A história confessional de Wilson começou na infância, quando, desde muito novo, era levado à Igreja Metodista pela família. Naquela época, todavia, “não sentia a fé”. Por isso, explica, aos 11 anos de idade, “fora de igreja”, ele “andava com amizades” e acabou sendo preso por roubo.

(W) Foi uma revolução em família, ninguém esperava, o patinho feio da família, um vexame na família. ‘Como é que tu vai se meter com isso? Tudo bem, a gente é pobre, mas ninguém tá morrendo de fome...’ Aquelas histórias. Eu me meti, não foi pela necessidade financeira. Não foi mais por isso. Foi por isso também, né? Muito novo, tu quer comprar um tênis. Eu sou da época do Redley. Não sei se tu conhece. Todo mundo queria ter um tênis Redley, né? Uma camisa de marca. E não tinha condição de ter. Então, a gente roubava pra ter. A verdade é essa. Isso já depois de ter saído da Igreja Metodista.

(P) Você, então, não participava de nenhuma igreja? E quem era esse pessoal? Era um grupo?

(W) Eu andava ali no Catete e ali eu conhecia muita gente. Ali, a gente conhecia pessoal de morro, Morro Santo Amaro, Morro Azul, Morro do Cosme Velho...

Mas as pessoas que assaltaram comigo eram do mesmo nível social que eu. Moravam em prédio também... Aí, dos 10, 11 anos, até os 17 anos, eu fiquei fora de igreja. Não participei de nada, entendeu? Ia a convite da minha mãe, esporadicamente, mas eu não tava mais na Igreja, não queria. Aí, em 88, 89, abriu uma Igreja Universal que foi, se eu não estou enganado, o segundo templo da Zona Sul. Não, a Igreja já devia estar aberta desde 85, mas eu só fui em 89. Então, ela era minha vizinha e me incomodava muito, o barulho. Eu

tinha essa rixa, porque o apartamento ficava de frente pra Igreja e aquilo ali me incomodava muito e eu jogava ovo, eu jogava garrafa. Tudo o que todo mundo faz porque não gosta, eu fiz também. Até que veio morar lá no apartamento, que era grande, eram quatro quartos, um rapaz, que a minha mãe, constantemente, alugava um quarto, vaga, né? Porque o aluguel era caro e a gente tinha dificuldade pra pagar. Nisso, veio morar um rapaz com a gente, né? Ele era um ex-obreiro da Igreja Universal. Ele tinha sido obreiro, tinha saído e não tava na Igreja, por motivos que eu não sei quais, e foi morar com a gente. Então, essa proximidade do nosso apartamento com a Igreja acabou fazendo que o rapaz começasse a freqüentar de novo os cultos da Igreja e o camarada acabou voltando pra fé, vamos dizer assim. A gente chama de voltar pra fé, né? Tava fora da fé, ele voltou pra fé e começou a freqüentar a Igreja ali. Ele era de outro bairro, da Zona Norte. Aí...E ele era...é... agente do Ministério do Trabalho. Quer dizer, ganhava um bom salário, né e tal. Só que ele vivia mal. Vivia endividado. Vivia na mão de agiota. Iam bater lá em casa atrás dele, uns camaradas meio sinistros procurando ele. Por causa das dívidas dele. Então o cara recebia o salário dele que, pô, ele era um agente do Ministério do Trabalho, concursado, não ganhava tão mal. Mas o cara não tinha nada. Sempre assim. Às vezes, ficava sem pagar o aluguel lá pra minha mãe porque não tinha. Só que muito gente boa. Quando voltou pra Igreja e tal, aí a gente viu uma melhora na vida dele. Começou a melhorar, conseguiu pagar as dívidas dele todas. E a gente convivia com ele. Sabia dos problemas. Ele era obrigado a expor pra gente porque devia pra gente. Então ele ficava naquela saia justa. Só que muito gente boa. Eu gostava muito dele. Tinha muita amizade com ele. Eu era novo, ele era um pouco mais velho e por ele, não sei se dá pra dizer assim, mas ele foi o responsável, né?...Eu não gostava, não simpatizava, até então...Mas aquilo me chamou a atenção e ele me disse: um dia tu vai entender.

Wilson sublinha que a adesão à Igreja Universal do Reino de Deus foi uma escolha. Repete que “foram experiências em [sua] vida” que o levaram ali. E acha que seu processo foi demorado porque ele mesmo o dificultou. Como veio “do mundo, saía muito, namorava, andava com todo tipo de gente. Não pode. Tem que estar com a vida limpa e o camarada tem que escolher. O Espírito Santo, na verdade, é um desejo.”

Foi levado à Igreja pela amizade ao inquilino da família. Mas, embora a observação dos efeitos produzidos pela fé na vida do amigo tenha sido decisiva,

é sobretudo à curiosidade que se deve sua primeira aproximação com a IURD.

(W) A Igreja na época estava muito na mídia, negativamente, mas tava. E muita gente vai pra ver que doideira é aquela que tão se falando. E eu fui nessa aí, entendeu? Eu ia com ele, mas eu fui lá pra ver como é que era, aquele dinheirão que dá. Aí eu fui até lá pra ver aquilo. Ia até na frente só pra chegar lá perto e ver o que era aquilo. Pra mim era uma palhaçada aquilo. Eu vim de uma igreja bem diferente, mais tradicional, aquele cultosinho mais devagar... Aí eu fui vendo que não é assim como se falam. Aí eu fui gostando e fui ficando.

Com o tempo, feita uma avaliação da visão de mundo ali professada e tomada a decisão pela adesão, Wilson foi “entrando em contato com Deus” e se “dedicando espiritualmente na Igreja”, até ser “levantado a obreiro”, há oito anos. Ele se “afastou de amizades” para estar na Igreja e lutar para melhorar, e costumava ficar irritado quando os antigos amigos o acusavam de estar sendo objeto de lavagem cerebral pelo Bispo Macedo. “Eu escolhi ir pra Igreja porque quis. Quem quiser que vá comigo. Quem fala de alienação, não sabe o que tá falando. É só tu prestar atenção pra ver que o negócio ali é todo baseado na Bíblia. Quem não quiser, é melhor sair pra lá. Eu optei.”

Segundo ele, sua vida particular foi se desenvolvendo paralelamente ao desenvolvimento espiritual. No segundo ano de igreja, voltou aos estudos e concluiu o ensino médio. Um pouco mais tarde, “Deus colocou [em seu] caminho” a mulher com quem está casado e tem dois filhos pequenos. No entanto, é a respeito do domínio da profissão e das finanças que Wilson gosta de se estender ao falar das mudanças provocadas em sua vida pela entrada na fé.

A literatura sobre pentecostalismo costuma atribuir ao “apartamento do mundo” (Novaes 1985) a melhora observada em suas vidas por parte dos convertidos⁹. Além disso, está claro que ingressar em uma comunidade de fé significa passar a integrar uma rede social formada por pessoas com as quais se conta nos momentos de dificuldade e no interior da qual circulam informações e oportunidades. Finalmente, nas clássicas palavras de Weber, “[a] admissão à congregação é considerada como uma garantia absoluta de qualidades morais, especialmente as qualidades exigidas em questões de comércio” (1982b:350).

Creio, entretanto, que há mais do que isso na trajetória de Wilson.

A Prosperidade na Congregação do Largo do Machado

O Largo do Machado é um dos bairros mais antigos do Rio de Janeiro. Com a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, em 1808, toda região que envolve

Largo do Machado, Glória, Catete, Laranjeiras, Flamengo e Botafogo ganhou atmosfera aristocrática. A instauração do regime republicano, no fim do século, todavia, provocou um progressivo aburguesamento daquela parte da cidade, de modo que ao longo dos 62 anos de funcionamento da sede do governo federal, no Catete, as grandes chácaras deram lugar a moradias de aposentados, comerciantes, funcionários públicos, políticos, militares, estudantes, intelectuais e artistas. A paisagem arquitetônica foi sendo profundamente transformada, e, embora tenha se mantido até hoje como área eminentemente residencial, está em atividade atualmente ali um forte comércio (Travassos 1995). Contornando aquela área há o Morro Santo Amaro, o Morro Azul e o Morro do Cosme Velho.

No bairro, existem atualmente dois templos da Igreja Universal do Reino de Deus. Além da pequena igreja que atraiu Wilson na juventude, há dois anos funciona uma outra, no espaço onde, antes, era um cinema. Desde a inauguração, meu informante e seus amigos adotaram essa segunda igreja¹⁰. Portanto, é em um ambiente muito característico da IURD que tenho assistido aos cultos e encontrado com as pessoas que, confirmando os números apontados no estudo organizado por Fernandes (1998), assiduamente, toda semana – em média três vezes –, ali se reúnem. Ultimamente, Wilson e sua família comparecem somente aos cultos dedicados ao “fortalecimento da fé”, ao “louvor” e ao “crescimento espiritual”, na quarta-feira à noite e no domingo de manhã. Mas por gosto de mostrar o sentido da Igreja na sua totalidade, porque, nas suas palavras, “as reuniões são todas ligadas”, já estivemos várias vezes juntos em todas elas.

No Largo do Machado, as Reuniões da Prosperidade têm, de modo geral, o mesmo objetivo que na Sede Mundial. Não obstante, como não poderia deixar de ser, tendo em vista tratar-se de cultos conduzidos por um pastor que prega para sua congregação, a prédica ali é mais acolhedora e se remete mais diretamente às questões que desafiam o cotidiano dos participantes. No começo da sessão, todos se concentram em “clamar” a Deus que afaste o “mal” e desça para “prover a mudança na vida” de todo aquele que, “acreditando na palavra, tem lutado todos os dias”. As pessoas, então, oferecem-se como canal para que “Deus prove sua grandeza aos incrédulos e realize a vitória tão desejada”. Em seguida, o tom de pedido é substituído pelo da confissão positiva¹¹. “Aquele que crê pode determinar o que vai acontecer, porque vai acontecer, porque o Senhor vai tomar as providências para que o resultado apareça. Que assim seja.” “Pela fé e pela certeza”, todos agradecem – “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” – com aplausos a Deus e, obedecendo às instruções do pastor, dirigem-se ao altar para colocar o dízimo no alforje e serem ungidos.

Às segundas-feiras, a prolongada explicação sobre a importância do pagamento do dízimo é inteiramente formulada no código das relações econômicas. Nesse dia, ali no Largo do Machado, a preocupação com o financiamento da “Obra” cede lugar, quase totalmente, à orientação de que

Deus seja pensado como um sócio. “O que significa que você vai ter como sócio o dono do universo.” E embora seja “o sócio que mais atua, porque é dono de tudo, você ainda sai com a maior parte dos lucros.”

Normalmente, o pastor dedica uma parte do culto ao que Wilson chama de palestra. Para apoiar sua fala em exemplos de figuras conhecidas que “venceram na vida”, a despeito dos muitos obstáculos, a cada semana ele distribui um pequeno texto que, em linguagem muito simples, narra uma dessas histórias com final feliz, porém marcadas por grandes adversidades. Não me refiro apenas aos folhetos que divulgam “testemunhos”, como o de uma “empresária” que

Estava desesperada, pois já tinha 30 anos de experiência no ramo e, após 13 anos com essa fábrica, as portas se fecharam, os clientes sumiram e a produção quase parou.

Comecei a fazer parte da Nação dos 318 e, mesmo assim, a fábrica foi protestada e sua falência, decretada....

Continuei participando das reuniões da Nação dos 318 e a minha vida tomou um rumo diferente. Quando a fábrica fechou, tive vontade de largar tudo, mas me mantive firme na minha perseverança. Um mês depois, consegui reabrir a fábrica e ganhei uma causa na justiça que se arrastava há cinco anos...Estou recuperando todos os meus clientes e prosperando.

Faço alusão a textos que transmitem a mensagem individualista do poder realizador da crença em si mesmo através de alegorias. “Vencendo com Estratégia”, que reproduzo, foi entregue à platéia durante uma das “reuniões dos empresários” e lido pausada e didaticamente pelo pastor.

Não à toa o boxe é chamado de a ‘nobre arte’. Poucas lutas se vencem tanto com a cabeça como o boxe. E a luta do Zaire foi o exemplo clássico. Muhammad Ali, um mito que começava a entrar em decadência, ia desafiar o campeão mundial George Foreman, um fenômeno da força e agilidade que tinha se tornado campeão derrotando outro fenômeno, o campeão olímpico, Joe Frazer. Naquela noite, africana, ninguém, a não ser os espectadores, acreditavam na vitória de Ali. O filme conta que os vestiários de Ali, antes da luta, pareciam mais uma sala de velório. Somente ele, saltitando feito um insano, contra tudo e contra todos, acreditava na própria vitória. Quando a luta começou, Ali partiu para cima de Foreman, com golpes desmoralizantes, mas notou em poucos minutos, já no primeiro assalto, que estava diante de alguém que era muito melhor que ele mesmo. O técnico de Ali conta que ao soar o gongo, ele viu pela

primeira vez, o medo nos olhos de Muhammad Ali. E o técnico tentou fazê-lo desistir. Ele não tinha chance alguma.

Mas Ali voltou ao ringue com outra tática. Durante sete assaltos, colocou-se nas cordas e deixou Foreman castigá-lo impiedosamente. Foreman golpeava com tudo o que tinha, em todos os espaços que podia. Ali foi duramente castigado no rosto, na linha da cintura, nos braços, mas esperou pacientemente a hora certa. E ela veio no oitavo assalto, quando Foreman já estava exausto de bater em Ali. Muhammad Ali, então, derrubou Foreman, nocauteando sem dó um dos maiores lutadores da história, levando a torcida ao completo delírio. Poucos minutos depois de acabada a luta, uma verdadeira tempestade caiu sobre o ringue, que tinha sido montado em um estádio de futebol. Foreman só se recuperou da depressão daquela derrota, dois anos depois. E Muhammad Ali, mesmo tendo retomado o cinturão dos pesados, deixaria o boxe pouco tempo depois. Mas naquele dia, o melhor de todos os tempos fez chover.

Ao cabo da explicação sobre como é possível perceber a força que está dentro de cada um e, com a bênção de Deus, usá-la contra o “mal” que os ronda, os fiéis cobram de Deus uma transformação dentro deles e “coragem para persistir e lutar sem desistir”. Querem “lutar com estratégia”. Querem o despertar de “um espírito vencedor que seja capaz de adotar uma tática para vencer no negócio e fazer a diferença”.

(W) Eu te falo, cara, esse tipo de reunião [reunião dos empresários] me ajudou demais na minha vida. Porque a reunião ali acaba sendo uma...porque ali, na verdade, é o seguinte, é uma palestra também, né?... Me fez ver um monte de coisa que eu não conseguia entender, enxergar e acreditar também.

(P) Essa reunião da segunda-feira, especificamente?

(W) Da segunda-feira, totalmente. Vida financeira é ali, né? Ele [o pastor] tenta te ensinar você batalhar por uma vida melhor, mas com Deus, né? Porque a verdade é a seguinte, tu vai amadurecendo, você vai enxergando as coisas. Existem várias maneiras de você se dar bem na vida. Não é só com Deus. Tem gente que, se bobear, detesta Deus e o cara é super bem financeiramente. E aí, tu vai falar o que desses casos? Á lá, aquele cara é ateu excomungado mesmo mas o cara é bem de vida demais. Qual é a explicação, então? A explicação é que Deus ele é justo e solta pra todo mundo.

Que quê adianta eu ficar socado na igreja e quando chegar aqui fora não tomar nenhuma atitude?

(P) Atitude.

(W) Agora tem lance que depende de Deus demais, pra quem acredita também, né? Porque, pô, pra mim, cara, eu... eu... eu não conheci meu pai. Não conheci meu pai. Minha mãe, coitada, uma pensionista do INSS, entendeu? Não tinha, não tinha quem, na minha família não tinha muitos exemplos. Apesar de ter alguns familiares meus que são bem e tal de vida, mas eu não venho de uma família rica. Minha família originariamente não é uma família rica. Porque eu penso assim: às vezes, quando você tem o exemplo, tem teu pai, pô e tal, eu acho que fica mais fácil. Então eu busquei em Deus e encontrei na Igreja. Eu me lembro quando eu larguei meu emprego. Ó só, que engraçado. Era em 93. Na época eu ganhava três salários mínimos e eu trabalhava numa portaria de um prédio comercial na Cidade aí eu tinha Unimed, tique refeição, né, tal. Aí, quem olhava assim pensava: pô, o cara tem plano de saúde, cesta básica, um monte de coisa, os direitos que eles agregam. Aí eu larguei aquilo pra ser camelô. Caramba! Nego ficou maluco comigo. Aí, meu irmão: 'Isso aí é a Igreja, é a Igreja, que tem que ser empresário. Tu quer ser empresário desse jeito, abrindo uma barraquinha de camelô?' Eu falei: 'Mas tudo tem que ter um começo.' E peitei sair.

A Teologia da Prosperidade no Brasil

A "Teologia da Prosperidade" iniciou sua penetração em muitas igrejas e em diferentes ministérios paraeclesiais brasileiros¹² no fim dos anos de 1970 e, subvertendo a antinomia entre sagrado e fortuna, estruturante na visão de mundo das religiões de salvação (Weber 1982a:309-346; Sahlins 1996), prega que, se confiarem incondicionalmente em Deus, os crentes estão destinados a serem "prósperos", "saudáveis", "felizes" e "vitoriosos" em todos os seus empreendimentos terrenos. De acordo com essa doutrina, por meio da confissão positiva o fiel terá acesso a tudo de bom que a vida pode oferecer (saúde perfeita, harmonia conjugal, riqueza material, poder para subjugar o Demônio etc.), e a relação entre o cristão e Deus se mantém nos termos da reciprocidade: para receber a graça do Senhor ele deve "viver de acordo com a fé", entregar regularmente o dízimo e fazer suas ofertas. A mensagem da Prosperidade liberta os fiéis das exigências ascéticas determinadas pelo protestantismo histórico e

pelas denominações pentecostais tradicionais, e não apenas legítima como estimula uma vida aqui e agora de plenitude.

Quais são os significados que estruturam o sistema de representações que tem propiciado, desde a década de 1990, especificamente, a crescente aceitação da fórmula divulgada pela Igreja Universal do Reino de Deus? Para responder esta indagação, sigo os passos de Duarte (2005:139-176) e, como ele, considero que a atitude mais abrangente que os atores sociais têm face ao mundo é aquela que os motiva na opção por uma entre as diversas possibilidades de adesão confessional, afasta-os da religião de nascimento ou os dissocia de qualquer instituição religiosa formal. A proposta de Duarte baseia-se em argumentos relativos a quatro dimensões da realidade contemporânea: (1) a difusão de diversos elementos da ideologia individualista entre os diferentes segmentos da sociedade brasileira e seu papel na determinação dos comportamentos; (2) a consolidação – e a incorporação por parte dos sujeitos da idéia de “liberdade de escolha” – daquilo que se costuma chamar de “mercado” de alternativas religiosas no Brasil; (3) as diferentes formas como as doutrinas cristãs têm incorporado diversos elementos associados ao individualismo “moderno”; (4) a “complexidade dos motivos sociais de pertencimento a grupos e adesão a experiências explícita ou implicitamente ‘religiosas’ nas sociedades modernas em geral” (:139).

Neste ponto, dois aspectos em especial – já extensamente tratados pelas ciências sociais – merecem ser sublinhados, por sua incontestável importância na configuração do individualismo moderno. O primeiro deles, basal para a configuração do “indivíduo”, desdobra-se em duas dimensões e diz respeito à emergência das representações acerca da igualdade – política, social, moral e econômica – entre os homens que, pelo menos em tese, propiciam a admissão da mobilidade individual no metabolismo social e a crença na liberdade (de escolha) como um privilégio, que vem acompanhado de uma ênfase na responsabilidade pessoal. Em poucas palavras, para os efeitos desta discussão, isso deve significar que no mundo moderno, feito de homens livres e iguais, cabe a cada um *empreender* o seu destino social. Um segundo traço, progressivamente atuante na cultura ocidental, é o “hedonismo”. O livro de Colin Campbell (1995) é esclarecedor quanto à ética hedonista moderna que floresce na Inglaterra do século XVIII concomitantemente ao tão conhecido puritanismo que Weber examina para elaborar sua clássica compreensão do espírito do capitalismo (cf. 2004). Em busca da compreensão do consumidor moderno, um tipo sócio-histórico particular em sua capacidade e vontade insaciável de absorção do grande volume de bens fabricados e ofertados pelas forças burocráticas de produção, Campbell mostra como a leitura de romances fertilizou a imaginação naquela sociedade. O autor argumenta que esse processo estimulou nas pessoas a possibilidade de fantasiar situações prazerosas e as levou a consumir uma variedade de recursos, visando a materialização e a

experimentação dos prazeres antecipados pela imaginação. O desejo insaciável pelo máximo de satisfação se ampliou e se estabeleceu em múltiplas esferas da vida contemporânea “moderna”, como se pode facilmente constatar.

A experiência social brasileira, na década de 1990

Nos anos 90, o Brasil assiste à implementação do “mercado livre” pelo governo Collor. Desde então, a política econômica brasileira passou a ser predominantemente presidida pelos princípios do “mercado livre”, que priorizam a mobilização da capacidade empresarial, dos recursos produtivos e dos mecanismos de inovação e produção de novas tecnologias, o estímulo ao funcionamento adequado dos mercados e o desimpedimento da comercialização interna e externa.

Não está em discussão aqui a propriedade dessas diretrizes nem se elas estão efetivamente informando a totalidade das práticas econômicas. O que quero ressaltar é que, a partir do começo da década de 1990, parâmetros nitidamente importados do imaginário mercantil, tais como os do Estado mínimo, do empreendedorismo, da iniciativa, da eficiência, da produtividade e da capacidade comercial, passam à dianteira no debate político e intelectual, nas tomadas de decisão em grupos empresariais e financeiros, em alguns dos grandes partidos políticos, em alguns meios acadêmicos e também da tecnocracia.

No interior das grandes organizações, algumas delas criadas a partir da “privatização”, foi com entusiasmo que se implementou uma série de programas de “eficiência”, importados das escolas de *business* e das corporações norte-americanas. Basicamente, além dos cortes de pessoal, promovidos com vistas à eficiência, em muitos casos foi definida uma nova política salarial. Em nome da “gestão participativa”, os profissionais foram submetidos ao esquema de salário variável, o que significa que a remuneração total passou a se dividir em duas partes: uma parcela fixa e outra variável em função de resultados individuais, departamentais e da própria empresa como um todo.

Nessa época, na mídia brasileira, os temas econômicos e os jornalistas especializados no assunto passaram a desfrutar de muito respeito nas redações. Os cadernos diários de economia têm atualmente em torno de seis páginas e trazem as notícias econômicas do dia, informações sobre empresas e instituições governamentais, notas, entrevistas, cotações das bolsas e de moedas estrangeiras, instruções sobre investimentos e colunas analíticas. Fazendo par com esses cadernos diários, há jornais integralmente dedicados aos assuntos econômicos, como a *Gazeta Mercantil* e o *Valor*, diversas publicações e periódicos que incorporam a linguagem do *management* e cobrem assuntos relativos às variáveis do mercado, e manuais de “auto-ajuda” (Boltanski & Chiapello 1999).

Ao mesmo tempo em que cresce e ganha centralidade, na mídia e na

palavra cotidiana, a fala sobre a economia – para, entre outras preocupações, denunciar a “crise econômica” que se agrava na década de 1980 e avança pelos anos 90 e lamentar seus efeitos sobre a “classe média” –, avulta, paralelamente, o segmento da mídia impressa voltado para a exposição do mundo dos “indivíduos” que, apesar dessa “crise”, conseguiram ter “sucesso”. Novas colunas sociais, além das já existentes, são criadas nos informativos diários e numerosos semanários focados no retrato da vida dos “bem sucedidos” são lançados e distribuídos nacionalmente, nesse momento. Os tipos sociais monitorados por esse segmento editorial formado por revistas como *Caras*, *Quem Acontece*, *Chiques e Famosos* e *Tititi* não se alteram muito. Sorridentes e afluentes, trajando figurinos nitidamente dispendiosos, de origens socioeconômicas variadas, cumpridores de trajetórias profissionais muito díspares, porém sempre fundamentalmente relatadas como corajosas e árduas, mais ou menos recentes, em situações de festa, de glória e de lazer, que se desenrolam em residências ou arredores ricamente decorados. Eles estampam cada página para, no desfrute de suas “conquistas”, ilustrar sua “vitória” e as “recompensas” que os “vitoriosos” “merecem”.

Finalmente, há também a televisão, meio no qual o processo descrito se desenrola na mesma direção. Basta mencionar os programas de entrevista ou de variedades (*Flash*, de Amaury Jr.; *Ana Maria Braga*; *Domingão do Faustão*; *Programa do Gugu*; *Video Show*; *Entrevista com Marília Gabriela*) que, de um modo geral, dão voz a diferentes tipos de “vencedores”; os tão falados *reality shows* que, através da competição, criam celebridades instantâneas que passam a freqüentar as festas do *society*, recebem propostas irrecusáveis de trabalho, etc.; a tematização das tensões entre “tradição” e “modernidade”, “hierarquia” e “individualismo” nas telenovelas; além da presença das notícias econômicas nos telejornais.

Nessa sociedade eternamente à espera do “desenvolvimento”, em tempos de “economia de mercado”, é notória, na mídia – essa força discursiva de elaboração dos mitos da vida cotidiana –, a autoridade atribuída aos esquemas de pensamento do mercado e a ênfase na aprovação dos modos de desfrutar os “prazeres da vida” dos assim chamados “batalhadores”. O espaço para a divulgação dos “resultados” que foram “capazes de conquistar” parece agora ilimitado. A idéia de que o “sucesso” – corolário de riqueza material, prazer e visibilidade – está ao alcance de todos os indivíduos que dispõem de iniciativa, espírito empreendedor, coragem e perseverança para trabalhar irrompe em todos os canais de comunicação, reiteradamente conotada com grande positividade.

Os valores estimulados pelo sistema moral da Igreja Universal do Reino de Deus – “vitória”, “mudança de vida”, “prosperidade” – e repetidos em sua pedagogia voltada para o trabalho empreendedor – “batalhar”, “empresário”, “colocar um diferencial no seu produto” – estão em oposição não somente ao desemprego, mas também ao emprego, ali unanimemente avaliado como algo

que “já chega”, pois é fonte de “vidinha, de miséria, de humilhação”. Não são, portanto, valores diferentes daqueles caros à ética profissional postulada pelo mercado pós-social que se instala nos anos 90 do século XX, progressivamente adorados como coisas sagradas (Durkheim 2003:218-219) pela sociedade brasileira contemporânea. Segundo os dados demográficos, a grande maioria dos fiéis da Igreja está na base da pirâmide social brasileira. Esses sujeitos sociais não têm normalmente acesso a escolas de *business*, não estão inseridos nas grandes empresas ou, se estão, não ocupam posições passíveis de participação nos lucros, não têm investimentos ou coisa que o valha. Mas são atingidos pelos meios de comunicação e, portanto, integram o circuito social de difusão e discussão dos elementos mais abrangentes da ideologia individualista bem como dos significados hedonistas específicos que constituem esse *ethos* econômico que equaciona linearmente “trabalho” e “sucesso”, insistentemente sublinhado pela palavra contemporânea hegemônica. O desejo de consumir um tênis de marca (que levou Wilson a roubar, na infância) não é, evidentemente, *natural*.

Alguns autores defendem que a atratividade da IURD aos olhos dos pobres urbanos brasileiros, largamente expostos ao desemprego ou ao subemprego, reside na promessa de prosperidade que ela promove através de uma vigorosa estratégia proselitista¹³. Essa hipótese não esgota, contudo, a questão de por que essa denominação pentecostal que professa a Teologia da Prosperidade desde a sua fundação em 1977 se torna atraente a ponto de ampliar seu número de fiéis em 25% a cada ano justo na década de 1990. Recorrendo ao artigo de Fry & Howe (1975), acredito que tal crescimento da Igreja acontece nesse momento porque é nesse momento que os símbolos que ela articula para formular a mensagem cosmológica que prega – e mesmo a própria mensagem que defende – encontram ressonância no sistema simbólico que passa a dar sentido à experiência social brasileira de modo geral. No contexto social que examino, a pobreza sempre foi uma fonte de dificuldades. Não obstante, até a década de 1990, os números sobre a penetração da Igreja mostram que o conceito de compensação neste mundo (central na teologia da prosperidade) não tinha alcançado a mesma legitimidade religiosa, e portanto o mesmo apelo entre os pobres, legitimidade esta que ela passa a ter no período em que a exibição da glória dos “vencedores” começa a ocupar tanto espaço e de modo tão insistente nos meios de comunicação seculares. Até a década de 1990, confirmando as palavras de Geertz sobre o sofrimento como problema religioso, os pobres buscavam na religião orientação sobre “como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável – sofrível, se assim podemos dizer” (1989:76). Nesse momento, porém, a despeito da contrariedade da família, para quem uma vida ajustada parece bastante, Wilson não se contenta com os limites de sua situação atual ou com as perspectivas que ela oferece. E sentindo-se preparado

pelos saberes encontrados na Igreja que escolheu para si, ele responsabiliza-se pela demissão de seu modesto emprego de auxiliar de portaria para, ambicionando os prazeres e as compensações do “sucesso”, apostar na carreira de empresário. “Porque a reunião ali, acaba sendo uma... palestra também, né?... Ele tenta te ensinar você batalhar por uma vida melhor, mas com Deus, né?”, conclui ele.

Para além de uma visão de mundo universalista/individualista que prescreve a todos os que querem ser salvos as mesmas regras claras de conduta (Fry & Howe 1975; Fry 1978), o pentecostalismo iurdiano da prosperidade oferta uma alternativa doutrinária. Ou, nos termos de Geertz (1989), um “conjunto de disposições e motivações” consistente com a visão de mundo mercantil contemporânea laica, segundo a qual a possibilidade de “sucesso” – e todo o desfrute que ele propicia – é um forte motor. Ele atrai, assim, para a sua comunidade sujeitos sociais provenientes dos meios populares que se pensam como “indivíduos” de “escolhas”¹⁴ e “direitos” e que adotaram para si o objetivo hedonista de “empreender” a substituição do “sofrimento” pela “abundância” em suas existências terrenas.

“E deu certo. Tá dando, né?”, avalia Jefferson, amigo e correligionário de Wilson, ao me “dar o testemunho” de sua história durante a primeira visita que fiz à sua casa. Sentado na sala de estar, de frente à televisão grande de tela plana e ao equipamento de som e DVD que ocupam boa parte da estante que decora o ambiente, ele me fornece uma narrativa sobre os benefícios da fé, seguindo o fio da sua vida profissional. Assim, ele relata que começou a trabalhar como contínuo aos 15 anos de idade. Ao mesmo tempo em que trabalhava, “roubava demais” porque “era muito viciado”, ele e o irmão. “Vivia enrolado, entrando e saindo de emprego porque levava roubo pra vender lá dentro”. Quando seu irmão foi morto pela polícia, e depois de ele mesmo ter vários “problemas com a polícia” e até, como ele conta, “um bandido quis mat[á-lo]”, Jefferson decidiu acompanhar sua mãe à Igreja e “mudar de vida”. “É engraçado que o pessoal fala que a nossa Igreja pede dinheiro e tal, e a gente não tinha nada pra dar. Era uma miséria que tu não tem idéia. Só comia passarinha de boi.” Com o “espírito rendido a Deus”, deixou as drogas e, “por Deus”, passou a “trabalhar certinho. Mas não dava.” “Não é que ele não tinha coragem pra trabalhar, quando a gente se acertou, só que é muita humilhação também que tu tem que ouvir”, intervém sua esposa, enquanto folheava, ao alcance de meus olhos, álbuns de fotografias que contavam, através de imagens, a história que Jefferson revisitava em palavras. “Era uma bomba. Porque eu era frentista e passavam cheque sem fundo e quem recebia era que pagava”, completa ele.

Em 1994, Jefferson começou com uma “barraca de vender pastel” e foi “fazendo voto com Deus pra aquilo melhorar.” Há onze anos ele é corretor de seguros. Montou sua “empresa”, que “à vista de muita gente, não é nada, mas é, né?, se pensar de onde a gente veio”, e por três vezes, ao longo desses anos,

recebeu da seguradora que representa o prêmio de melhor vendedor. Além dos troféus que decoram a sala de estar da “casa confortável que [ele] reformou pra [sua] família viver bem”, entregues por Pedro Bial, importante jornalista do elenco da TV Globo e ninguém menos do que âncora do *reality show Big Brother Brasil*, em cerimônias públicas, todas elas realizadas no “Salão Nobre” de um hotel cinco estrelas da orla de Copacabana, ele e a esposa ganharam, a cada vez, hospedagem de uma semana em um *resort* internacional. “É o que pastor prega. Tu vai indo, vai indo e tal e aí as coisas acontecem.” Neste momento, refeito do insucesso – e, parafraseando meus informantes, só Deus sabe a razão desse insucesso – devido à sua iniciativa de entrar no mercado corporativo, na avaliação de um dos colegas, “Jefferson tá bem de novo. Eu te digo isso porque, noutro dia mesmo, ele me disse que tá querendo puxar um Corolla¹⁵”.

Conclusão

Neste artigo explorei a hipótese de que o crescimento do número de adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus, defensora da Teologia da Prosperidade, na década de 1990, está relacionado ao fato de que os símbolos articulados em sua mensagem pastoral voltada para a salvação neste mundo são condizentes com os princípios econômicos “modernos” que passaram a fornecer sentido à grande parcela das relações sociais – sobretudo as relações que regem o mundo do trabalho – no Brasil a partir daquele momento. Tratei de refletir sobre as representações acerca da “mudança de vida” e do “êxito financeiro” na sociedade brasileira contemporânea utilizando como matéria-prima para interpretação informações sobre a cosmologia da IURD e elementos etnográficos reunidos entre adeptos da Igreja, dados que foram contextualizados na história brasileira recente.

No interior do pluralismo institucional que se fortalece nas décadas de 80 e 90, e que caracteriza a paisagem religiosa brasileira atual, a atenção a esta denominação pentecostal específica se deveu à discrepância entre as acusações – proferidas pelo senso comum bem como por uma parcela importante da literatura acerca do pentecostalismo no Brasil – de manipulação da ingenuidade dos fiéis através do emprego da linguagem mercantil e o expressivo crescimento do número de membros na década de 1990. É sabido que os sujeitos sociais buscam na religião soluções para suas aflições. Restava responder por que, desde a década de 1990, parte das camadas mais pobres da sociedade brasileira recorreu à Teologia da Prosperidade em especial e a despeito de todas as objeções.

Efetivamente, o dinheiro está muito presente nas práticas da Igreja. Assim como em outras denominações pentecostais, a cosmologia iurdiana concebe os fiéis como dizimistas que têm o dever de contribuir para a “Obra de Deus”. É uma particularidade da IURD, porém, a compreensão de que, como contrapartida

do dízimo, os fiéis têm o direito de se sentirem sócios de Deus em seus empreendimentos de felicidade terrena. Semanalmente, os fiéis se reúnem para o culto à prosperidade, nos quais ouvem sobre a legitimidade da abundância e assistem a uma pregação muito semelhante àquilo que, como me foi dito, eles entendem como uma “palestra” sobre as coisas do mundo. Nesse dia, os termos e a lógica empregados no culto são os mesmos da semântica do mercado. Todavia, o trabalho de campo desafia a representação de que os fiéis são ingênuos e manipulados pela sede de lucro dessa instituição religiosa “desonesta”. Os depoimentos sobre pertencimento religioso, que obtive em uma congregação da Zona Sul do Rio de Janeiro, enfatizam noções como “escolha” e “decisão”, caras ao imaginário individualista moderno da igualdade e da liberdade, e com muita recorrência ancoram sua explicação para as “mudanças” de vida resultantes da “entrada na fé” na “atitude” profissional que puderam assumir a partir do que ouviram na Igreja.

Referências Bibliográficas

- BITTENCOURT, José. (1994), “Remédio Amargo”. In: A. Antoniazzi et al (ed.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes.
- BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Ève. (1999), *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard.
- CAMPBELL, Colin. (1995), *The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism*. Oxford & Massachusetts: Blackwell.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. (1997), *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento pentecostal*. Petrópolis: Vozes.
- CARNEIRO CAMPOS, Roberta. (1994), *Perfil Sócio-econômico dos Seduzidos à Igreja Universal do Reino de Deus*. Trabalho apresentado no Congresso sobre As Novas Religiões. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. (2005), “Ethos Privado e Justificação Religiosa. Negociações da Reprodução na Sociedade Brasileira”. In: M. L. Heilborn et al (ed.). *Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- DURKHEIM, Émile. (2003), *A Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- FERNANDES, Rubem César. (1998), *Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Editora Mauad.
- FONSECA, Alexandre Brasil. (2000), “Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem-religião”. *NUMEN, Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, v.3 – n. 2: 63-90.
- FRESTON, Paul. (1993), *Protestantes e Política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Campinas: Tese de Doutorado em Sociologia, Unicamp.
- FRY, Peter & HOWE, Garry. (1975), “Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo”. *Debate e Crítica*, no. 6: 75-94.
- FRY, Peter. (1978), “Manchester, século XIX, e São Paulo, século XX. Dois movimentos religiosos”. In: *Para Inglês Ver. Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FURUCHO, Natal. (2001), *Como ser um dízimista fiel*. Rio de Janeiro: Universal Produções.
- GEERTZ, Clifford. (1989), “A Religião como Sistema Cultural”. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- GIUMBELLI, Emerson. (2001), “A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro”. In: *Religião e Sociedade*, 21(1): 87-120.

- GOMES, Edlaine de Campos. (2004), *A 'Era das Catedrais' da IURD: A autenticidade em exibição*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UERJ.
- HORTAL, Jesús. (1991), "Panorama e estatísticas do fenômeno religioso no Brasil". In: CNBB. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil (I)*. São Paulo: Paulinas.
- _____. (1994), "As novas tendências religiosas: uma reflexão sobre as causas e conseqüências". In: CNBB. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil (III)*. São Paulo: Paulinas.
- MACEDO, Edir. (2005), *Nos passos de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal.
- MARIZ, Cecília L. (1995), "Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo". *Revista de Cultura Teológica*, 3: 37-52.
- MARIANO, Ricardo. (1996), "Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade". *Novos Estudos CEBRAP*, 44: 24-44.
- MINTZ, Sidney. *Worker in the Cane. A Puerto Rican life history*. New Haven and London: Yale University Press, 1964.
- NOVAES, Regina. (1985), *Os Escolhidos de Deus. Pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.
- ORO, Ari Pedro et al. (2003), *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Editora Paulinas.
- ORO, Ari Pedro. (1993), "'Podem passar a sacolinha': um estudo sobre as representações do dinheiro no pentecostalismo autônomo atual". *REB*, no. 210: 301-323.
- SAHLINS, Marshall. (1996), "The Sadness of sweetness: the native anthropology of Western cosmology". *Current Anthropology*, 37(3): 395-428.
- SIEPIERSKI, Paulo. (1997), "Pós-pentecostalismo e política no Brasil". *Estudos Teológicos*, 37(1): 47-70.
- TRAVASSOS, Sonia Duarte. (1995), *Jogo, praça pública e sociabilidade masculina*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, MN/UFRJ.
- WEBER, Max. (2004), *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1982a), "A Psicologia Social das Religiões Mundiais". In: *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- _____. (1982b), "As seitas protestantes e o espírito do capitalismo". In: *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Notas

- ¹ A IURD é objeto de uma vasta lista de ressalvas – tais como seu caráter mágico, sua prática de banalização do demônio, sua feição de agência de prestação de serviços religiosos adaptada às circunstâncias sociais e às expectativas da clientela, o enfraquecimento das exigências éticas, a falta de rigor na exegese da Bíblia, etc. (Giumbelli 2001) – cujo comentário está além das pretensões deste artigo.
- ² De acordo com o Censo do IBGE, o número de fiéis da IURD passou de 269 mil, em 1991, para 2,1 milhões no ano de 2000.
- ³ A reunião de segunda-feira, na Catedral, tem o nome de "Reunião dos 318" ou, também, de "Nação dos 318".
- ⁴ Na Sede Mundial, mais de uma vez ouvi o bispo falar em quantias monetárias na ordem do milhão.
- ⁵ Antes de entrar na análise do lugar do dinheiro na Teologia da Prosperidade pregada na Igreja Universal do Reino de Deus, vale lembrar que as doações, ofertas, pagamentos e dízimos são uma realidade no encaminhamento de diversas religiões. É assim com as promessas no catolicismo, com os despachos e os pagamentos às mães e aos pais de santo nas religiões afro-brasileiras, e é assim também com o donativo judaico e com o dízimo em outras denominações. Evidentemente, se é

preciso considerar que o dinheiro atravessa as práticas de outras religiões, é igualmente preciso frisar que a promessa e o estímulo à “abundância” no mundo são, isso sim, particularidade da Teologia da Prosperidade.

- ⁶ O pagamento do dízimo e de ofertas não é a única forma de expressão do comprometimento ético do fiel com a Igreja e, acima de tudo, com Deus. A IURD enfatiza a assiduidade do comparecimento à igreja, realiza “consagrações”, “batismos”, “purificações”, “propósitos” e constantemente reforça a importância de uma vida condizente com aquilo que seria a vida de uma pessoa que se considera “de Deus”.
- ⁷ O nome dos informantes foi trocado para preservar a identidade deles. Embora essa seja uma prática costumeira, no caso de uma pesquisa sobre correligionários de uma organização vastamente estigmatizada, parece-me relevante registrar a preocupação desse citado informante com as minhas intenções de pesquisa e também com a preservação de sua integridade perante a comunidade. “Há algum tempo atrás, eu não confiaria. Porque a gente já teve problema. A gente fala e é mal interpretado. Ou então a pessoa interpreta como quer e leva e bota teu nome na mídia...Já aconteceu. Não comigo, né? Mas já vi acontecer. Na verdade, não tem nada a ver, não. Cada um entende como quer. Mas tu chega na Igreja, todo mundo te conhece e aí ‘pô, tu foi falar besteira”.
- ⁸ Não tenho a pretensão de afirmar que todos os fiéis da IURD – e nem mesmo que toda a membresia da congregação que observo – encontram na vivência confessional o mesmo sentido e experimentam a mesma satisfação que caracteriza esta rede de amigos que etnografo. Eu não disponho de elementos para fazer uma tal afirmação. Apenas suponho que aqueles que retornam à Igreja assiduamente não estejam desapontados em suas expectativas. Todos eles conheceram momentos difíceis em seus percursos entre a pobreza e o “dar certo”. Em suas narrativas, esses momentos são interpretados como uma prova imposta por Aquele que tudo sabe, ou seja, Deus. Para eles, vencida essa prova – que pode durar, como aconteceu com Jefferson, dois anos, período durante o qual ele não conseguiu vender uma só apólice de seguro corporativo – e atestada a fé incondicional, a recompensa não falhou em chegar. Uma etnografia daqueles religiosos que se desiludiram com a IURD, embora não seja facilmente exequível, uma vez que as pessoas que deixaram a Igreja encontram-se dispersas, poderia contribuir, sem dúvida, para o incremento da presente discussão. Quais eram suas expectativas? De que modo eles se engajaram no alcance de seus objetivos? O que os levou a se recusar a aceitar a explicação de que não fizeram sua parte, permitindo que o Demônio atuasse sobre suas vidas?
- ⁹ Como diz Mintz: “A igreja, naquilo que proíbe e naquilo que encoraja, fornece uma visão de mundo que parece ser notavelmente propícia a aspirações de mobilidade crescente em uma sociedade que está se tornando ocidentalizada. Portanto, os interditos sobre jogo, fumo, e bebida podem ser equivalentes à salvação compulsória, ou ao menos, à acumulação potencial de capital para outros fins”. (1964: 266).
- ¹⁰ Ainda que os dados demográficos levantados no *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja* apontem uma expressiva maioria de mulheres (81% de mulheres para 19% de homens) na comunidade de adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus, tenho observado que, na congregação do Largo do Machado, ambos os gêneros têm presença equivalente.
- ¹¹ “Don Gosset, no livro *Há poder em suas palavras*, afirma: ‘Louvado seja Deus, é verdade que, se você crê no que está dizendo, você recebe o que diz. Se você diz: Não posso pagar minhas contas, por exemplo, você não será capaz de pagar suas contas ainda que a Palavra de Deus diga que o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Jesus Cristo cada uma de vossas necessidades (Filipenses 4:19). Mas se você mudar sua maneira negativa de falar (ou pensar), com base na promessa de Deus de dar suprimento, você receberá o milagre financeiro de que está precisando” (*apud* Fonseca 2000:68).
- ¹² De acordo com Mariano (1996), a “teologia da prosperidade” é louvada nas seguintes igrejas: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Nova Vida, Bíblica da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Ministério

Palavra da Fé, Missão Shekinah, ADHONEP (Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno), CCHN (Comitê Cristão de Homens de Negócios).

¹³ O uso da mídia eletrônica, a localização geográfica dos seus templos, os megaeventos de cura realizados no espaço público urbano são algumas das medidas proselitistas freqüentemente citadas na literatura.

¹⁴ A própria adesão a uma religião diferente da religião de nascimento, como mostra Duarte (2005), atesta a influência dos valores do individualismo sobre o comportamento desses sujeitos sociais.

¹⁵ Corolla é a marca da linha de carros de luxo da Toyota.

Recebido em maio de 2006
Aprovado em janeiro de 2007

Diana Nogueira de Oliveira Lima (diana.nogueira@uol.com.br)
Pesquisadora do Nucec/MN-UFRJ e doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional.

Resumo:

Nos anos 90, com a implementação do “mercado livre” pelo governo Collor, noções como “produtividade” e “resultados” ganham centralidade na vida econômica brasileira. Nessa mesma época, é notório, nas classes trabalhadoras, o aumento do número de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, defensora da “Teologia da Prosperidade”. Entendo que o expressivo crescimento da conversão dos pobres brasileiros ao neopentecostalismo que autoriza o direito dos indivíduos a uma existência terrena de “prosperidade” incentivando seus fiéis ao trabalho empreendedor, justamente na década de 1990, e o fenômeno do elogio ao “sucesso” que despontou no horizonte da “economia de mercado” estão intimamente relacionados. A partir de etnografia em uma congregação carioca da IURD reflito sobre a imbricação dos dois processos.

Palavras-chave: trabalho, dinheiro, Deus, igreja, empresa

Abstract:

Since the 1990s the concepts of “productivity” and “results” have taken center-stage on Brazil’s economic discourse. Throughout this period the number of Igreja Universal do Reino de Deus, defender of the Theology of Prosperity, faithful has skyrocketed among the poor. This church promises a worldly existence of “abundance” and “prosperity” to those paying the “tithe” and demanding from the Lord a “structure to work and to fight for life”. Using ethnographic material culled from Neopentecostal faithful, this paper establishes the connection between both processes.

Keywords: work, money, God, church, company